

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**
UFJF-FUNALFA



a
casa
de
bernarda
alba

LORCA

**FORUM DA CULTURA
MAIO 21H. JUNHO
QUARTA A DOMINGO**

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

Grupo Divulgação

apresenta

A CASA DE BERNARDA ALBA

de Federico García Lorca

Espectáculo comemorativo dos 20 anos de criação do Grupo Divulgação

Apoio: FUNALFA e UFJF.

FEDERICO GARCIA LORCA

CRONOLOGIA

- 1889 - Nascimento a 5 ou 11 de junho, em Fuente Vaqueros (Granada)
Prenome: Federico del Sagrado Corazón
Primeiro filho de Federico García Rodríguez e de Vicenta Lorca Romero todos dois de origem granadina.
Morte de Mallarmé em Valvins
"Geração de 98": Unamuno, Ganivet, Valle-Inclán, Benavente, Antonio Machado
Morte de Angel Ganivet em Riga.
- 1908 - Aluno do liceu de Almeria
- 1915 - Entra na Universidade de Granada, onde estuda paralelamente a filosofia, as letras e o direito. Faz parte da elite intelectual e artística de Granada. Toma lições de piano e guitarra.
- 1916 - Primeiras poesias
- 1917 - Fevereiro: "Le boletín del Centro Artístico de Granada" publica seu primeiro estudo literário (sobre o centenário de Zorilla)
- 1918 - "Impresiones y paisajes" publicado às custas do autor.
- 1919 - Madri - Cidade Universitária: prossegue seus estudos até 1928. Amizade com Juan Ramón Jiménez, Eduardo Marquina, Gregorio Martínez Sierra. Trava estreitas relações com Luis Buñuel, Salvador Dalí, José Bergamín, Rafael Alberti e Ernesto Haffer
- 1921 - "Libro de Poemas" dedicado a seu irmão Francisco. Começa a escrever "Canciones".
- 1922 - 13 e 14 de junho: Festa do Cante Jondo, organizada em Granada em colaboração por Manuel de Falla.
Começa a escrever "Poema del cante jondo"
Publicação da "Segunda Antología poética" (1898-1918) de Juan Ramón Jiménez.
- 1923 - "Festa para as crianças" em Granada, organizada com Manuel de Falla em Granada (a 5 de janeiro)
Bacharel em direito em Granada.
Artigo de Melchor Fernández Almagro: "O mundo lírico de García Lorca" ("España", Madri, 13 de outubro)
13 de Setembro: o general Primo de Rivera toma o poder à testa de um Diretório.
Ditadura
Destituição de Fernando de los Rios, mestre e protetor de Lorca, como professor de Direito na Universidade de Granada.

- 1924 - Fevereiro: Unamuno é deportado para as Canárias
Lorca termina "Canciones" e começa o "Romancero Gitan"
Projetada a comédia "Doña Rosita la soltera o el lenguaje de las flores"
- 1925 - Termina, em Granada, a terceira versão de "Mariana Pineda"
Início da correspondência com Jorge Guillén
Primeira viagem a Cadaqués, à casa de Dalí. Leitura de "Mariana Pineda" para a família de Dalí e mais alguns amigos íntimos.
- 1926 - Trabalha "Romancero Gitan"
Janeiro: "Ode a Salvador Dalí", publicada na "Revista de Occidente" (Madri, XII)
Livros em preparo: "Suites", "Canciones", "Cante Jondo", "Romancero Gitan"
Primeira versão de "La zapatera prodigiosa"
Outubro: Homenagem a Soto Rojas. Conferência pronunciada em o Ateneu de Granada e publicada no "El defensor de Granada"
- 1927 - "Geração de 27": (Pedro Salinas, Jorge Guillén, Gerardo Diego, Dámaso Alonso, Vicente Aleixandre, Rafael Alberti, Moreno Villa, Luis Cernuda, Emilio Prados, Manoel Altolaguirre, Juan Larrea, Pedro Garfias)
Publicação de vinte e quatro alexandrinos sob o título "La sirena y el carabinierno"
(fragmentos) em "La Gaceta Literaria" (19 de março)
Abril: Publicação de "Vinetas flamencas" na revista "Verso e Prosa"
"Canciones" (1921 - 1924)
Maio: segunda temporada em Cadaqués, na casa de Dalí
Junho: Première de "Mariana Pineda" em Barcelona. Cenários de Dalí.
Exposição de 24 desenhos de Lorca na galeria Dalmau em Barcelona.
Dezembro: Leitura de poemas no Ateneo de Sevilla.
Tricentenário da morte de Góngora. Escreve "A imagem poética de Luis de Góngora" (Leitura do texto em Granada)
- 1928 - Fevereiro: nascimento da revista "Gallo", em Granada. Ilustração de Dalí e textos de Lorca e de seus amigos.
Agosto: "Primeiro Romancero Gitano" (1924 - 1927) (Madri, "Revista de Occidente")
Setembro: Publicação de "Mariana Pineda" (Madri, "La Farsa")
Outubro: Conferência em Granada ("Imaginação, inspiração, evasão")
Dezembro: Conferência em Madri ("As nanas infantis")
- 1929 - Fevereiro: Segunda edição de "Canciones" ("Revistas de Occidente")
Vai a Nova Iorque. Itinerário: Madri, Paris, Londres, Oxford, Escócia, Nova Iorque.
Verão: Estudantes na Universidade de Colúmbia em Nova Iorque. Amizade com Federico de Onís (da Universidade de Colúmbia) e com Leon Felipe (Universidade de Cornell)
Fins de Verão: em Catskill Montáins
Outubro: Volta à Universidade de Colúmbia

- Compõe os primeiros poemas americanos ("Poeta em Nueva York"), descoberta de New York (museus, teatros, cinemas, bairros judeus e negros. Harlem)
- 1930 - New York - Faz amizade com André Sagovia. Conferências na Universidade de Colúmbia e no Vasar College. Frequente Ignacio Sánchez Mejías. Inicia o trabalho "A zapatera prodigiosa".
Primavera: Viaja para Cuba, convidado pela Instituição Hispanocubana de Cultura, onde pronuncia quatro conferências: Teoría y juego del duende, Soto de Rojas, "Lo que canta una ciudad de noviembre a noviembre", "Las nanas infantiles". Reata sua amizade com Adolfo Salazar, que estava em Cuba. Escreve "Fragmentos de prosa de um tipo curiosamente surrealista" e algumas cenas de "Así que pasen cinco años". Publica "La degollación del Bautista", na Revista Avance, de Havana e o "Som de Negros", em Musicalia, da mesma cidade.
Verão: retorna à Espanha.
- 1931 - Eferescente política na Espanha. 12 de abril: eleições municipais, triunfo parcial dos republicanos. Manifestações nas ruas. 14 de abril: proclamação da República.
Alfonso XIII toma o caminho do exílio.
23 de maio: Publica em Madri o "Poema del cante jondo", com dedicatória à Salvador Quintero, Carlos Morla Vicuna, Francisco Iglesias, Eugenio Montes, Máximo Quijano, Manoel Torres (Niño de Jerez), Migual Benztez, Pilar Zubiaurre, Regino Sainz de la Maza. Conferência em Salamanca "Arquitetura del cante jondo".
Escreve "Retabillo de Don Cristobal". Termina "Así que pasen cinco años". Começa o trabalho em Amor de don Perlimpin.
Setembro: Vitória eleitoral de Cossio (republicano), sobre Primo de Rivera (candidato da direita).
Outubro: Representação privada de um filme de Bunuel - Dalí "L'Age d'or". Lorca declara que este filme contém coisas maravilhosas.
- 1932 - É FUNDADO LA BARRACA, teatro de universitários espanhóis, dirigido por Lorca e Eduardo Ugart; divulgando na Espanha "La vida es un sueño" auto de Calderón "Fuenteovejuna", de Lope de Vega; "El burlador" de Molina; os entremeses de Cervantes, etc..
Verão: escreve "Bodas de Sangue".
Setembro: leitura de "Bodas de Sangue" na casa de Carlos Morla.
- 1933 - Fr. Roosevelt, presidente dos Estados Unidos.
Adolf Hitler, chanceler.
8 de março: a Companhia de Josefina Díaz de Artigos estréia "Bodas de Sangue", no Teatro Beatri, em Madrid.
5 de abril: estréia de "Amor de Don Perlimplin con Belisa en su jardín". Colabora nas representações de "El amor brujo", de Falla.
Setembro: Empreende viagem pela América do Sul (Argentina, Uruguai e Brasil).

É convidado para assistir em Buenos Aires, à representação de "Bodas de Sangue", com Lorca Membrives, e, a dar conferências. É representado também "La zapatera prodigiosa" e "Mariana Pineda".

Dirige "La Dama boba" de Lope de Vega.

Todos os representantes das repúblicas do continente rendem homenagem a Lorca em sua viagem triunfal a Buenos Aires.

Amizade com Victorio Ocampo, Amorim, Blanco Amor, Gonzáles Carbalho, Suero Molinari.

Publica "Canto Noturno de los marineros andaluces em La Nación, de Buenos Aires".

Faz um discurso com Pablo Neruda, no Pen Club, em memória de Rubén Darío.

1934 - Abril: Lorca retorna à Espanha. Agitação social e clima político sombrio.

Junho: Lorca e Neruda, amigos inseparáveis em Madri.

Agosto: dia 11, Ignacio Sánches Mejías é ferido por um touro na arena de Manzanés. Morre dois dias mais tarde em um hospital de Madri.

Novembro: Lorca escreve "Llanto por Ignacio Sánches Mejías" em memória de seu amigo, o matador intelectual.

29 de dezembro: Margarida Xirgu estréia YERMA, no teatro Español de Burmann.

Começa a escrever "Doña Rosita la soltera".

1935 - Os atores de Madri solicitam a Margarida Xirgu para que interprete YERMA em récita especial.

É oferecido um banquete em homenagem à García Lorca, pelo êxito de YERMA.

O poeta renuncia à homenagem. Com este motivo, mediante a uma nota, testemunham a homenagem ao autor de YERMA, Victorio Macho, Juan Ramón Jiménez, Alejandro Casona, Adolfo Salazar, Ramón del Valle-Inclán, etc..

12 de março: É apresentado "Llanto por Ignacio Sánches Mejías", no teatro Espanhol em comemoração à centésima apresentação de Yerma, no mesmo teatro.

Estréia da versão ampliada de La zapatera prodigiosa, no Coliseu de Madri, por Lola Membrives.

Publica: De mar a mar, em homenagem ao poeta Feliciano Rolán e Tierra y luna en El Tiempo Presente.

2 de abril: Última apresentação de YERMA no teatro Espanhol de Madri.

23 de maio: Federico García Lorca promete a uns amigos fazer a leitura de "Doña Rosita".

Publica em El Sol, de Madri: "Conversa sobre teatro".

Publica seis poemas galegos.

Estréia em Nova York "Bodas de Sangue" (Bitter Oleander)

Agosto: termina "Doña Rosita la soltera", pouco antes de 14 de agosto.

Setembro: Barcelona - Leitura privada, no teatro Studium, de "Doña Rosita

El Lenguaje de las flores", com a Companhia de Teatro de Margarida Xirgu.

13 de dezembro: "Estréia de Doña Rosita la soltera".

Publica em Almanaque literário, vários poemas inéditos:

Gazela del amor con cien años. Gacela del mercado matutino, Casida de la mujer tendida. Casida de la muerte clara (Gacela de la huida).

1936 - Situação grave na Espanha, clima revolucionário, greves gerais, assassinatos, atentados . . . Lorca renuncia a seu projeto de viajar para o México.

Fevereiro: eleições; a direita no poder.

Dissolução das cortes: o presidente Alcalá Zamora é destituído. Lutas, anarquias, marasmo econômico.

Publica a "Gacela de la muerte clara", com o título de "Casida de la huida".

Abril: Publica "Primeiras canciones".

Maio: projeta nova viagem à Nova York e México. No México presencia estréias de suas obras e faz uma conferência sobre Quevedo.

Manual Azaña, presidente da República. As ruas são o centro de ação política. Complôs militares. Dia 22 Lorca assiste a um baquete em homenagem a três escritores franceses vindos a Madri como representantes da Frente Popular de seu país: Jean Cassou, André Malraux e Lenormand.

19 de junho: termina sua última peça "A casa de Bernarda Alba". A leitura desta peça é feita na casa do doutor Eusébio Oliver.

Ensaia Así que pasen cinco años, com o propósito de estrelá-lo.

Julho: dia 12 - Assassinato de José Calvo Sotelo, chefe da oposição (Renovação Espanhola). A ausência de Lorca inquieta seus amigos: "Fazem alguns dias que nós não o vimos, mas ele ainda não deve ter partido para Granada". Após ter hesitado, Lorca finalmente deixa Madri e vai para Granada acompanhado por Luis Rosales que o aconselhou esta viagem.

Em Granada vai para "Huerta de San Vicente".

Dia 18 - A armada da África se levanta contra o governo: pronunciamento de Melilla. Começo da guerra civil.

Lorca se reúne na casa de Luis Rosales.

Agosto dia 17: Lorca é conduzido ao governo civil, Wells em nome do Peri Club Internacional, envia um telegrama ao general Valdés, novo governador civil de Granada, pedindo-lhe garantia pela vida do prisioneiro. Miguel Rosales solicita uma entrevista com o governador. Pede urgentes intervenções diante do perigo que corre o poeta granadense.

Dia 18: condenado, Lorca exprime à Miguel Rosales sua vontade de ver um padre.

Dia 19: ASSASSINATO DE LORCA, na aurora, à beira de um barranco entre Viznar e Alfacar, morre FEDERICO GARCÍA LORCA.

Em setembro, é anunciado pelas ruas de Madri, nas vozes dos jornaleiros, a notícia da morte de FEDERICO GARCÍA LORCA.

LORCA E O TEATRO

“O teatro é um dos mais expressivos e úteis instrumentos para a edificação de um país e o barômetro que marca sua grandeza ou decadência. Um teatro sensível e bem orientado em todas as suas ramificações, da tragédia ao vaudeville, pode mudar em poucos anos a sensibilidade do povo; e um teatro destroçado, em que os cascos substituem as asas pode vulgarizar e adormecer uma nação inteira.”

“Um povo que não ajuda e não fomenta seu teatro, se não está morto está moribundo; como o teatro que não recolhe a pulsação social, a pulsação histórica, o drama de suas gentes e a cor genuína de sua paisagem e de seu espírito, com riso ou com lágrimas, não tem direito a chamar-se teatro, mas sala de diversão ou lugar onde se faz esta horrível coisa que se chama “matar o tempo”. Não me refiro a ninguém nem quero ferir a ninguém; não falo da realidade viva, mas do problema proposto sem solução.”

“O teatro deve impor-se ao público e não o público ao teatro.”

“Ao público se pode ensinar – conste que digo público, não povo –; se lhe pode ensinar, porque eu vi patear a Debussy e a Ravel, há dois anos, e assisti depois às clamorosas ovações com que um público popular saudava as obras antes rechaçadas. Estes autores foram impostos por um alto critério de autoridade, superior ao do público em geral, como Wedekind na Alemanha e Pirandello na Itália, e tantos outros.”

“Digam o que quiserem, o teatro não decai. O absurdo e o decadente estão em sua organização. Que um senhor, pelo mero fato de dispor de alguns milhões, se erija em censor de obras e definidor do teatro, é intolerável e vergonhoso. É uma tirania que, como todas, só conduz ao desastre.”

“Isso de decadência do teatro me parece uma estupidez. Há milhões de homens que nunca viram teatro. E como sabem vê-lo quando o vêem! Eu presenciei em Alicante como todo um povoado ficava em suspenso durante uma representação do clímax do teatro católico espanhol: A VIDA É SONHO. Não se diga que não sentiam. Para entendê-lo, as luzes todas da teologia são necessárias. Mas para sentir, o teatro é o mesmo para a dama refinada como para a criada. Não equivocava Molière ao ler suas coisas para a cozinheira. Claro que há gente irremissivelmente perdida para o teatro. Naturalmente, são aqueles que “têm olhos e não vêem, ouvidos e não ouvem”.

“Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro”.

(In: Garcia Lorca, Federico – Obras Completas – Madrid, Aguilar, 1954, págs. 33–36. Conferências.)

ROTEIRO DE BERNARDA ALBA

“A Casa de Bernarda Alba”, de Federico García Lorca, é uma obra definitiva que, partindo da realidade espanhola, filtrada através da aguda percepção do poeta, se inscreve como um dos grandes textos dramáticos do século XX.

Esta tragédia de mulheres mostra, a cada passo, um jogo forte de emoções em que o racional, imposto pela cultura, subjuga o sentimento imposto pela natureza.

Bernarda é uma peça profética, a última da dramaturgia lorquiana; depois dela, o caminho do desespero heróico que chega à glória libertadora. Depois de terminá-la Federico García Lorca é aprisionado e morto por fuzilamento. Um destino trágico para quem soube intercalar lirismo e sentimento trágico na dramaticidade de seus personagens.

A Espanha é o espaço geográfico e Bernarda o símbolo da dominação e do poder autoritário. Adela é a revolucionária que quebra as amarras e se adianta ao seu tempo. O confronto entre os dois caminhos gera uma ruptura que faz com que a Espanha, dominada, se afogue num mar de luto, com suas grades trancadas pelo regime franquista.

A banicção do amor que foge pelas alamedas escuras, o triunfo da força, imposto pela dominação é a grande parábola que Lorca mostra, apontando, no grande oráculo do teatro, o caminho do futuro de sua Espanha morta e massacrada pela violência.

Partindo de um enredo que aconteceu na vida real, o autor inflama de paixão seus personagens e, assim, estabelece um clima de conflito que mostra a maturidade de um gênio da literatura dramática. Nada em Bernarda Alba é supérfluo, cada palavra, cada intenção revela o caminho destas mulheres possuidoras de uma vida rica que se debatem num ambiente sufocante, no melhor estilo de Sartre.

Em Lorca a alma do camponês incendeia com fogo a terra e molda a argila de rostos, extrai sons ocultos no emaranhado do grito e se une ao primitivo que é reinventado pelo universo contemporâneo. Assim, no primeiro ato de **A Casa de Bernarda Alba** o som de cantos fúnebres se une a lamentos que são interrompidos pelas normas cerimoniais de tempos antigos. A condenação ao luto, à abstinência de vida é o pano de fundo que fará emergir paixões e ódios ocultos entre as cinco filhas da matriarca. Dotado de uma carpintaria de alta qualidade o ato se fecha com o encarceramento da razão, personificada pela avó louca que, com extrema lucidez, se torna o arauto do que está escondido nos peitos destas mulheres que estão perdendo a seiva da vida.

O segundo ato evoca, em sua abertura, a aparente calma das tempestades. As filhas bordam o enxoval da irmã mais velha, enquanto o destino tece a teia de acontecimentos conflituosos. Adela aumenta sua paixão e é descoberta por La Poncia, que a vigia de perto. Os trovões surgem de forma suave na voz dos campos que mostram a alegria do trabalhador que tem na natureza sua linha de ação de vida. O canto invade

a casa, despertando a alegria oculta, a recordação e o desejo:

Abram portas e janelas
As que vivem a se trancar
O ceifador pede rosas
Prá seu chapéu enfeitar.

Martirio e Adela, melancolicamente, repetem os versos dos ceifadores; a primeira se reconhecendo nas que vivem a se trancar e a segunda, Adela, na festa da doação e entrega de se ceder como a beleza da rosa para enfeitar o chapéu do homem amado.

A movimentação, o roubo do retrato e por fim o prenúncio do terceiro ato são, de forma inequívoca, a riqueza do trágico em Lorca. O segundo ato se fecha com o julgamento de Adela, através do episódio com a filha da Librada. A celebração do ódio de Bernarda, como o algoz implacável que "coloca a brasa no lugar onde se fez o pecado". E entre gritos que estremecem a terra, Adela é condenada pelo crime de sua paixão uma constante no poeta que condena, sempre, seus personagens pelo crime do amor sem medidas. Assim foi com a Noiva, em **Bodas de Sangue**, com Yerma e é também em **Bernarda Alba**.

O terceiro ato abre com o ritual da última ceia de Adela, pois seu corpo será sacrificado, seu amor será amordaçado e seu calor substituído pela frieza de um traje mortuário frio. O anel de pérolas, que prenuncia as lágrimas de Angustias, a condenação desmedida de Bernarda, os atos de terceiros e sua cegueira preparam o rugir da tempestade, agora figurada pelos coices do garanhão, um cavalo enorme que cresce na escuridão das noites quentes onde mulheres carentes sufocam sua angústia.

Figurada, em nossa montagem, por trovões, a figura do garanhão ameaça partir esta fortaleza de Bernarda. Nestes relâmpagos de prenúncios Maria Josefa tenta construir uma arca, onde sua sadia loucura se salva junto com carneiros brancos que se perpetuam como as ondas do mar, de onde veio a vida e para onde a velha avó tenta sobreviver, forte como um touro, mas impedida de fugir pelos cães de Bernarda que denunciam a presença de estranhos na casa. Tudo é forte, do rugir da tempestade ao silvar de Pepe Romano, uma serpente, fálica, que ameaça o cetro de Bernarda, a serpente petrificada.

E então cai a tempestade. Adela tenta fugir com Pepe e é impedida por Angustias, a quem roubara o marido. Bernarda persegue o animal que ruge e ele desaparece nas alamedas escuras. Adela, enganada por Martirio, rompe com a prisão. Era o passo mais ousado. Não mais terá o martírio da angústia e vence, com um salto descomunal, a leoparda que tentou barrar-lhe o caminho. E o resto é o mar de luto, o choro trancado no quarto e o poeta que tomba morto numa Espanha ferida. Canções de ódio. Luta, luto e lotes de angústias, martírios e a voz que se cala na garganta. A idéia que se fecha no nascedouro, onde, no emaranhado, mora a "escura raiz do grito". Emoção. Lorca morto. Por que estas **muerto? Muerto** para sempre? Por que calar a poesia? Por que calar a emoção? E o resto para Bernarda é silêncio. Mas não para a voz dos montes que ressurgem nas campinas: Verde que te quero verde. / Verde ventos, verde ramos. / O barco vai sobre o mar / e o cavalo ... - sempre o cavalo - livre pelas montanhas.

À MARGEM DE BERNARDA ALBA

José Arrabal

Bernarda - "... o que está acontecendo, nesta casa?"

La Pôncia - "... não há fumaça sem fogo. Alguma coisa vai acontecer."

O equívoco é ver-se "A Casa de Bernarda Alba" como um simples debate à luz de Espanha, do problema da "virgindade". Isto quase anula toda a gigantesca e dimensionada problemática lorquiana em questão.

Quando Bernarda se preocupa com "o que está acontecendo" e La Pôncia (a empregada) adverte que "não há fumaça sem fogo", sente-se, numa evidência maior, que o texto transcende ao pretexto utilizado para se manifestar (a castidade), dirigindo-se a um universo temático, simbólico e/ou alegórico bem mais complexo.

Garcia Lorca sabia das coisas. E o Lorca artista, como sempre, sabia dizer bem as coisas, naquilo que estas mesmas coisas se permitem ser ditas em entrelinhas sutis.

Espanha, 1936, antevéspera da guerra civil: verdadeira casa de "bernadas albas", onde algo iria acontecer. Partindo disto, o poeta andaluz expõe sua visão a respeito da ideologia e cultura de seu país, embasada, no texto, numa disposição expressiva da repressão tão flagrante para os que têm um mínimo de conhecimento sobre a "vivência hispânica".

Hoje pode-se compreender distintamente a antevisão trágica de Lorca, neste sentido de intérprete e observador de seu povo. Aliás se notarmos, cronologicamente, suas peças, sentiremos que sua preocupação maior sempre foi a de poeta, a forte e marcante ideologia da terra da Espanha. Tudo em função de uma estratégia de luta contra-cultural mais assentada na realidade dos fatos, da sociedade determinada.

Garcia Lorca, se não propõe, objetivamente, qualquer medida de transformação, seja em "Bodas de Sangue", "Yerma", "Dona Rosita" ou "Bernarda Alba", tenta contribuir para esta mesma transformação, expondo a verdade hispânica, dado por dado, variando apenas o meio de exposição, em cada uma de suas obras.

E em "Bernarda", este mesmo meio revelador da terra e do povo é a virgindade como preconceito e tabu. E assim enfocado, tem-se a nítida dimensão do que venha a ser esta peça de Lorca.

Numa análise estrutural até simplista, isto explode às vistas, mesmo porque as dicas do autor são evidentes, seja quando ele dispõe os nomes das personagens, seja quando acentua no seu devido lugar sócio-político La Pôncia (o proletariado, "in lato sensu"), ou mesmo (e aqui mais claro que nunca) quando transcende "Bernarda" de si mesma (persona ou âniã), disposta então como força arquetípica da repressão cultural e/ou ideológica.

20 anos de amor

José Luiz Ribeiro

O Grupo Divulgação está fazendo, no dia 7 de julho, 20 anos da apresentação de seu primeiro trabalho. O que é comemorar vinte anos de lutas em prol de uma coisa pouco valorizada, muitas vezes dificultada ou em outras quase impossível de se realizar em nosso país?

Durante esses anos, o Grupo Divulgação atravessou três décadas, viveu as mais diversas experiências e, inegavelmente, contribuiu para que Juiz de Fora visse teatro com regularidade. Ao longo de todo este tempo, foram apresentados textos de autores clássicos, de vanguarda e espetáculos que buscaram, sempre, uma forma de experimentar o fazer teatral, uma forma de aprender a criar e encontrar um elo de ligação entre o teatro feito pelo Divulgação e sua forma de espelhar a comunidade juizforana.

Ainda presos pela emoção da festa de aniversário, num ano cheio de trabalho em que já realizamos um "Curso de Introdução ao Teatro", um "Seminário: Os caminhos do Teatro", um espetáculo antológico sobre o poeta **Manuel Bandeira, do Brasil**, além da estréia do espetáculo infantil **A noite dos duendes**, da montagem do texto de García Lorca, **A casa de Bernarda Alba**, enquanto nos preparamos para viajar com **Girança**, é, entre assustados e felizes, que constatamos o marco que representa duas décadas de vida.

Parece ter sido ontem que um grupo de estudantes se reunia, voluntariamente, nos horários vagos para ler e discutir poesia e teatro. A regularidade dos encontros, em todas as manhãs de domingo, na sala do Diretório Acadêmico Tristão de Athayde, da FaFiLe, surgiu naturalmente. Da mesma maneira, sem que nos déssemos conta do que viria a se desencadear, foi espontânea a aceitação para que participássemos de uma "Semana do Laticinista" no Instituto Cândido Tostes. Para ela preparamos "Amor em verso e canção", uma coletânea de poemas e canções em torno do tema. Este espetáculo deu origem ao trabalho do Divulgação e o batizou com um nome-função: a de **divulgar** a poesia e o teatro.

E depois de uma segunda apresentação, agora na pequena sala do D.A., outros espetáculos de poesia sobre Drummond, Cecília Meirelles, Bandeira, Neruda, Lorca, enfim, nossas obsessões do momento, percorreram a mesma trilha modesta, mas apai-

xonada. Uma vez a caminho as experiências começavam a se juntar: o encontro com o povo na primeira viagem a Rio Pomba e o choque de descobrir a distância entre seu discurso e a erudição acadêmica que julgávamos tão comprometida com os valores populares! a busca da linguagem brasileira no tom estético do espetáculo como um todo, a coragem e a ousadia de nos reconhecermos em nosso próprio espaço. A eterna busca de identidade e o eterno aprendizado de transformar o sonho, a utopia em realidade.

Esta fase inicial mostrava poemas, trechos de peças que costurávamos caprichosamente criando textos artesanais para espetáculos que aconteciam ilustrando as "Semanas", de Literatura, Folclore, Economia, e tantas outras que proliferavam na riqueza cultural que marcou o fim da década de 60, no seio da antiga FaFiLe entusiasticamente dirigida pelo Prof. Murílio de Avellar Hingel. Estudantes falavam a colegas, professores, amigos, e logo depois a um público bastante diversificado.

1968 marca o ano do Ato Institucional nº 5 – de triste memória e longa duração – e a caminhada do Divulgação no rumo de uma dramaturgia internacional. Foi o começo do aprendizado dramático no encontro com grandes autores e, também, o ano de García Lorca – o poeta assassinado – com **Bodas de Sangue**, nosso primeiro embate e nossa primeira provocação imprevisível. Nos saudosos botequins de então, ninguém acreditava que nossa pretensão fosse concretizada. E saiu **Bodas de Sangue**. A partir daí, o compromisso se firmou cada vez mais forte, agora num ato de plena consciência.

Fizemos de tudo: da tragédia grega ao teatro de absurdo; da comédia de costumes à vanguarda de Oswald de Andrade, começando pelo que os críticos julgavam "peça impossível de ser encenada", **A morta**. O desafio passou a ser a mola propulsora, e, em nenhum momento tivemos o preconceito contra esta ou aquela forma de teatro e nos vestimos com a humildade dos que contemplam o teatro como a arte do efêmero, onde o som do sucesso termina com o ruído da última saraivada de aplausos. O resto é o silêncio da incerteza que precede o correr das cortinas no último momento de cada espetáculo.

No final dos anos 60 e princípio dos 70 passamos pela difícil fase de ver nossas "pretensões" cortadas junto com os textos proibidos ou mutilados irremediavelmente, montagens com trechos suprimidos e distorções de entendimento. Como Prometeu, resistimos e, aos poucos, sensibilizamos um público que ia aumentando gradativamente.

O ano de 1972 marca um grande momento para o Divulgação: a criação do

Forum da Cultura, efetivada pelo então reitor Gilson Salomão que deixou, entre outras obras, este teatro e centro de cultura, onde o trabalho do grupo pôde ser aprimorado.

Aos que dizem que somos um grupo de elite, respondemos com um trabalho que alcança a periferia, zona rural e, inegavelmente, apesar de ter conseguido expressivo sucesso em temporadas fora da cidade, continua a centrar seu objetivo maior na formação de um público em Juiz de Fora, em trabalho de longa persistência. Aos que buscam nossos espetáculos, respondemos com um respeito absoluto e insistente rigor na qualidade dos textos selecionados e constante inquietação na procura de um afinamento temático e estético com as preocupações sociais da cidade e do país.

Os anos setenta assinalam nossa participação em diversos festivais nacionais com expressivas vitórias que projetaram e abriram caminhos para produções culturais juizforanas, nos mais diferentes campos da cultura. O encontro com Paschoal Carlos Magno e a participação na Barca da Cultura, um projeto quixotesco deste pilar da modernização do teatro brasileiro, que levou música, teatro, dança e artes plásticas pelo nordeste brasileiro foi decisivo para o amadurecimento do grupo. Depois da Barca fizemos uma série de espetáculos de rua nos bairros periféricos o que, aos poucos, nos despertou o sonho de trazer o povo para dentro do teatro. Afinal, pensamos, por que o povo só tem direito de assistir a espetáculos na rua, sem experimentar tantos recursos que os teatros regulares podem oferecer? A partir desta indagação iniciamos um período de reflexão e táticas de motivação que culminou com uma nova fase: a de ampliar temporadas, oferecer um teatro sistemático com temporadas regulares e procurar atingir as mais diversas faixas de público — do infantil ao adulto. Assim, o Departamento de Teatro Infantil começou um trabalho que continua a fazer crescer o público e possibilita à criança e, hoje, também ao pré-adolescente, um contato com o espetáculo, com o sonho e com a possibilidade criativa.

Em 1975 foi criada, em Juiz de Fora, embora a certidão de batismo ateste Belo Horizonte, a Federação de Teatro Amador de Juiz de Fora (FETEMIG). A partir de então passamos a conhecer o teatro mineiro e a nos encontrar sistematicamente, em Festivais organizados como mostras de teatro, e a buscar, juntos, o questionamento e as propostas para o teatro amador em nosso estado.

No ano seguinte, ao comemorar 10 anos de criação, já podíamos andar com nossas próprias pernas. Olhar para o passado, saber que se tem história, sem no entanto se deitar sobre os louros de vitórias conseguidas é um incentivo e um compromisso árduo. A responsabilidade cresce quando se olha para a última página dos programas e se encontra nomes de autores fundamentais da dramaturgia, misturando-se com nos-

sa própria produção.

E na virada dos anos oitenta, o Divulgação passou a aumentar, cada vez mais, sua produção. Agora temos nossas próprias traduções, adaptações, músicas e até mesmo a semente, ainda tenra, de uma dramaturgia. Podemos, assim, experimentar o teatro em sua forma integral e assumir a posição de uma oficina viva, ou oficina-vida, de teatro.

Indiscutivelmente, uma loucura! Enquanto uma menina de pouco mais de vinte anos canta uma ária da Butterfly, de Puccini, um coro de rapazes mistura Caetano com Verdi, e os pincéis espalham tintas em cenários teatralistas, mãos manejam pregos e serram, construindo portais de fazer inveja aos papas do construtivismo, com tantas engrenagem que solucionam problemas de um palco pequeno e do aproveitamento constante de todo o material. O que faz com que os jovens abandonem o chape gelado, a noite de sábado e fiquem trabalhando como marceneiros, costureiras, pintores, cartazistas ou preparando exposições em busca de um momento tão fugidio? Afinal, sua duração máxima é de por volta de noventa dias! — Respondo: — a paixão. Ainda que momentâneos, ainda que efêmeros, há momentos tão completos que não explicam pela lógica do cotidiano. E é nesse espaço que mora o momento teatral.

Assim, de Nelson Rodrigues a García Lorca, de Goldoni a Pirandello, de Coelho Netto a Oswald de Andrade, passando por Tchekhov, Gorki, Gogol, Genet, Silveira Sampaio, Schiller, Goethe, França Júnior, Dias Gomes e Ferreira Gullar apresentamos estréias nacionais e criamos textos que contam nossos momentos. Do adulto ao infantil, dos versos à comédia picante, fizemos teatro em adros de igreja, em mesas de repertório, jantares elegantes e em praças públicas, mambembes da embriaguês teatral.

Já fizemos teatro no bairro, na cidade histórica, no Rio de Janeiro, em São Paulo, no nordeste, na Concha Acústica do Piauí (com tantas histórias!) no alto de uma barca, fazendo amigos, inimigos, admiradores e invejadores. De uma coisa, porém, temos certeza: fizemos do teatro uma religião, uma fé, um compromisso neurótico, excessivo, mas extremamente sincero e propulsor. Procuramos, sempre, acertar, mesmo quando erramos. Procuramos sempre unir, mesmo quando dividimos. Procuramos, sempre, amar, mesmo quando odiamos.

Quixotesicamente, fizemos, em vinte anos de vida, a maravilha da criação, experimentando a liberdade de possibilitar que um teatro se tornasse vivo e a vida, no teatro, se espraiasse, tocando a criança com um gigante, uma bruxa, uma luz, um pedaço de pano, um jornal ou uma canção. Fizemos tudo dramaticamente, impulsiva-

mente, intensamente, como um apaixonado, suando a camisa com muita garra.

Muitas vezes fomos compreendidos; outras, completamente distorcidos. Fomos gênios, maravilhosos, mesquinhos, simpáticos, ranzinzas, prepotentes ou encantadores. Fomos tudo isto, porque o homem se constrói, como diz Pirandello, de muitas visões. Uma coisa, porém, se torna inegável: somos operários da cultura. Trabalhos, diariamente, infatigavelmente, perseguindo nossas obsessões. E como elas são tantas, nos repartimos como um prisma multifacetando o homem em sua riqueza e em sua pequenez. Trabalhamos muito pela cultura em nossa cidade, porque acreditamos nela.

Fomos, até agora, movidos pela paixão, mas, em alguns momentos, pelo ódio, pelo desafio que nos ajudou a transpor, com saltos muito mais altos que nossa capacidade de previsão, obstáculos cada vez maiores. Isso nos enrijeceu o corpo e nos permitiu pensar rápido e abrir a cabeça e a alma. Saber estar presente da melhor maneira possível, foi a grande lição que aprendemos nestes vinte anos.

Estamos, hoje, numa fase em que, com a ajuda da Funalfa, atingimos mais uma meta: trazer a periferia até ao teatro. Estamos conseguindo provar que o público da periferia não precisa ser discriminado. Pode dividir o teatro com o público regular e gosta de teatro e só não vai mais, porque não tem acesso ao espetáculo que, por isto, fica restrito à elite. O caminho está aberto. Esperamos que, nos próximos anos, as pessoas que ocupem, esporadicamente cargos públicos tenham a mesma possibilidade de um Ismair Zaghetto e de um Reginaldo Arcuri, para descobrir que a cultura se torna rica quando um administrador possibilita o fortalecimento de um trabalho já existente. Pois a história nos tem mostrado que todo o mundo do fazer cultural se assenta no impulso da criação, no fervilhar das idéias e nas asas que voam para a liberdade. Esta é a função do artista. Esta é a função do Grupo Divulgação – divulgar o teatro e toda a sua força. Fazer teatro, enquanto existir o fogo fugaz da paixão.

Afinal, nossa palavra-de-ordem são as palavras de Federico García Lorca:

MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO.

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

promove

GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

A CASA DE BERNARDA ALBA

de Federico Garcia Lorca

Criada	Aleyse Gramigna Fernandes
La Poncia	Alice Freesz
Mendiga	Maria de Fátima Amorim
Filha da Mendiga	Heloisa Rodrigues
Bernarda	Gisela Barbosa
Mulheres	Marise Pimentel Mendes
	Márcia Falabella
	Mônica Prado
	Eliane de Almeida
	Fátima Amorim
	Heloisa Rodrigues
	Ana Carla Duarte
	Valéria Veiga Penna
	Luzia Resende
	Uilde Melo
	Regina Celi Melo
	Maria Lúcia Rocha Ribeiro
	Fátima Amorim
	Ronaldo Borges
	Rogério Correa
	Wanderson Pedrosa
	Hélio da Silva
	José Márcio de Souza
Som	Guy Schimdt
Luz	Malu Rocha Ribeiro
Figurino	Rogério Correa
Cartaz	Virgínia Fonseca e Alice Freesz
Administração	José Luiz Ribeiro
Tradução, Cenário e Direção	

GRUPO DIVULGAÇÃO

trabalhos apresentados:

espetáculos antológicos:

amor em verso e canção

o homem do século XX

antologia da mulher

apresentação didática:

morte e vida severina, de joão cabral de mello neto

coral universitário

belmiro, murilo, pedro nava

camões

a menina casadoira, de Ionesco

pic-nic no front, de Arrabal

sganarello, de molière

lição de molière, de josé luiz ribeiro

a farsa do mestre pathelin, anônimo medieval

manuel bandeira, do brasil, maria lúcia ribeiro

departamento de teatro infantil:

A Onça de Asas

Circo de Bonecos

Estória de lenços e ventos

Nem tudo está azul no país azul

Guairaká

O embarque de Noé

D. Baratinha

A gema do ovo da ema

A colcha do gigante

Girassinho

Putz, a menina que buscava o sol

A noite dos duendes

walmir ayala

oscar von pfhul

ilo krugli

gabriela rabelo

josé luiz ribeiro

maria clara machado

josé luiz ribeiro

sylvia orthoff

zuleika mello

josé luiz ribeiro

maria helena kuhner

josé luiz ribeiro

Outros espetáculos:

cancioneiro de lampião

o urso

bodas de sangue

electra

diário de um louco

pequenos burgueses

a visita da velha senhora

escola de mulheres

escurial

romanceiro da inconfidência

maria stuart

a morta

o patinho torto

yerma

seis personagens a procura de um autor

as criadas

arlequim servidor de dois amos

calígula

guerra mais ou menos santa

pedreira das almas

só o faraó tem alma

o beijo no asfalto

mas que papel, seu bacharel!

o estado de sítio

boca do inferno

a mandrágora

o rei da vela

como se fazia um deputado

dr. getúlio, sua vida e sua glória

o jardim de cerejeiras

esta noite se improvisa

o inspetor geral

fausto

girança

a casa de bernarda alba

nertan macêdo

anton tchekhov

federico garcia lorca

sófocles

nicolai gogol

máximo górki

friedrich dürenmatt

molière

michel de ghelderode

cecília meireles

friedrich von schiller

oswald de andrade

coelho netto

federico garcia lorca

luigi pirandello

jean genet

carlo goldoni

albert camus

mário brasini

jorge andrade

silveira sampaio

nélson rodrigues

josé luiz ribeiro

albert camus

marcus vinícius

maquiavel

oswald de andrade

frança júnior

dias gomes e ferreira gullar

anton tchekhov

luigi pirandello

nicolai gogol

johann wolfgang von goethe

josé luiz ribeiro

federico garcia lorca

AGRADECIMENTOS:

Prof. Sebastião Marsicano Ribeiro
Magnífico Reitor da UFJF

Prof. Afonso Nunes Júnior
Pró-Reitor de Assuntos Comunitários

Dr. Antônio José Cedrola
Departamento de Assuntos Comunitários

Prof. José Alberto Gomes de Pinho Neves
Administrador do Forum da Cultura

Sr. José Walter de Andrade Ávila
Responsável pelo Expediente da Imp. Universitária

Pessoal da Imprensa Universitária

Dr. Reginaldo Arcuri
Superintendente da Funalfa

Meios de comunicação e aos que acreditam que

"Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro"
(Lorca)

FEDERICO GARCIA LORCA

CRONOLOGIA

- 1889 - Nascimento a 5 ou 11 de junho, em Fuente Vaqueros (Granada)
Prenome: Federico del Sagrado Corazón
Primeiro filho de Federico García Rodríguez e de Vicenta Lorca Romero todos dois de origem granadina.
Morte de Mallarmé em Valvins
"Geração de 98": Unamuno, Ganivet, Valle-Inclán, Benavente, Antonio Machado
Morte de Angel Ganivet em Riga.
- 1908 - Aluno do liceu de Almeria
- 1915 - Entra na Universidade de Granada, onde estuda paralelamente a filosofia, as letras e o direito. Faz parte da elite intelectual e artística de Granada. Toma lições de piano e guitarra.
- 1916 - Primeiras poesias
- 1917 - Fevereiro: "Le boletín del Centro Artístico de Granada" publica seu primeiro estudo literário (sobre o centenário de Zorilla)
- 1918 - "Impresiones y paisajes" publicado às custas do autor.
- 1919 - Madri - Cidade Universitária: prossegue seus estudos até 1928. Amizade com Juan Ramón Jiménez, Eduardo Marquina, Gregorio Martínez Sierra. Trava estreitas relações com Luis Buñuel, Salvador Dalí, José Bergamín, Rafael Alberti e Ernesto Haffer
- 1921 - "Libro de Poemas" dedicado a seu irmão Francisco. Começa a escrever "Canciones".
- 1922 - 13 e 14 de junho: Festa do Cante Jondo, organizada em Granada em colaboração por Manuel de Falla.
Começa a escrever "Poema del cante jondo"
Publicação da "Segunda Antología poética" (1898-1918) de Juan Ramón Jiménez.
- 1923 - "Festa para as crianças" em Granada, organizada com Manuel de Falla em Granada (a 5 de janeiro)
Bacharel em direito em Granada.
Artigo de Melchor Fernández Almagro: "O mundo lírico de García Lorca" ("España", Madri, 13 de outubro)
13 de Setembro: o general Primo de Rivera toma o poder à testa de um Diretório.
Ditadura
Destituição de Fernando de los Rios, mestre e protetor de Lorca, como professor de Direito na Universidade de Granada.